Ediney Santana

Confraria dos Ratos

4ª Edição
][
2018

Pintura da capa: Sandro Botticelli - Nastagio degli Onesti, Le Banquet dans le bois, 1483
Foto: Renata Maria
Imagens da contracapa: Hieronymus Bosch
Agradecimentos: Sérgio Damião e professor Panajotes pela leitura prévia do livro e Dalmir Castro pela amizade
Revisão: Paula Berbert

Dados Internacionais de Catalogação- na -publicação (CIP)

Santana, Ediney, 1974-
S232c Confraria dos ratos/ Ediney Santana. 4 ed.-
Brasília, DF: Ed. do Autor, 2018.
96 p.; 23 cm

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Título.

CDU: 82-3

Para Zelina Santana, Renata Maria, Elton, Erick
e todos bibliotecários que cuidarão dos
meus livros para que cheguem ao futuro.

"Então olhei de novo para toda a injustiça que existe neste mundo. Vi muitos sendo explorados e maltratados. Eles choravam, mas ninguém os ajudava. Ninguém os ajudava porque os seus perseguidores tinham o poder do seu lado. Por isso, cheguei a esta conclusão: aqueles que morreram são mais felizes do que os que continuam vivos. Porém mais felizes do que todos são aqueles que ainda não nasceram e que ainda não viram as injustiças que há neste mundo.

Descobri que na vida existe mais uma coisa que não vale a pena: é o homem viver sozinho, sem amigos, sem filhos, sem irmãos, sempre trabalhando e nunca satisfeito com a riqueza que tem. Para que é que ele trabalha tanto, deixando de aproveitar as coisas boas da vida? Isso também é ilusão, é uma triste maneira de viver. É melhor haver dois do que um, porque duas pessoas trabalhando juntas podem ganhar muito mais. Se uma delas cai, a outra a ajuda a se levantar. Mas, se alguém está sozinho e cai, fica em má situação porque não tem ninguém que o ajude a se levantar."

Eclesiastes 4:1-10.

Ediney Santana

Confraria dos Ratos

4ª Edição
][
2018

No Brasil do Leste, os canalhas se acusavam e se inocentavam mutuamente em uma arquitetura degenerativa que só a obsessão pelo poder poderia explicar. O Estado era controlado por criminosos, pouco importava o partido que o governava, no Brasil do Leste, havia alternância criminosa no poder, naquela primavera seria a vez do Partido Amarelo, mas ele quebraria o pacto de alternância no gerenciamento do Estado.

O Partido Amarelo não queria somente controlar o Estado, queria ser o partido único, história única, ausência de contradição, morte da dúvida. Os outros partidos seriam anexados ao Amarelo ou teriam seus registros cassados, haveria um único gerenciamento político criminoso no Brasil do Leste.

Depois que o Partido Amarelo ascendeu ao poder, não se tinha mais certeza da localização do Brasil do Leste. A cada ano mudavam as coordenadas geográficas do país, mesmo com o sobrenome Leste poderia ficar no centro-sul, ou no oeste. O Comitê para Segurança Nacional do Partido Amarelo dizia ser importante a incerta localização do país para a segurança do Chefe Supremo do Partido.

A cidade foi toda pintada de amarelo depois que o Ausente teve um sonho: quanto mais amarela ficasse a Urbem Angeli, mais ele estaria protegido dos seus inimigos, inimigo era qualquer um que não dissesse sim à sua suprema vontade.

O Ausente olhou o quadro de Ruy Barbosa, pensou que seria melhor colocar em seu lugar, naquela parede amarelada e triste, a cabeça salpicada de sangue do deputado ST. Dos Santos, mas não achava graça em simplesmente matar, queria torturar o deputado em praça pública para servir de exemplo aos que não atingissem a cota de amor institucional.

A presença do amarelo em toda cidade seria como se o próprio Ausente estivesse em todos os lugares. Nas ruas e esquinas, haveria algo de amarelo, todos saberiam que nunca estariam sozinhos, o poder emocional amarelo controlaria a todos, a cor amarela era a marca daquele poder despótico e covarde.

A pequena Urbem Angeli ficou anêmica como alguém à beira da morte, a morte tinha a cor amarela dos olhos do Chefe Supremo e do Partido Amarelo. As lâmpadas dos postes foram trocadas por lâmpadas amarelas, todos os servidores da Administração Central usavam uniformes amarelos.

O deputado ST. Dos Santos denunciara na Câmara dos Deputados a aquisição de treze mil galões de tintas comprados pelo Ausente, mostrou notas fiscais que comprovavam os desvios de verbas da Secretaria da Educação, desvios feitos pelo Ausente para pintar a cidade de amarelo e garantir a sua proteção contra "inimigos que posso ver e os invisíveis que posso ver também", como gostava de repetir entre lágrimas e gestos teatrais durante suas raras aparições públicas cheias de dramas falsos.

Para assegurar que sua autoridade seria inconteste, o Ausente comprou deputados e senadores que, depois de consolidado seu poder, seriam meros serviçais ou eliminados. Quando o Partido Amarelo e o Ausente chegaram ao poder, senadores e deputados tinham ainda alguma liberdade política que era usada para cobrar propina de quem estivesse no poder. Só o deputado ST. Dos Santos nunca aceitou ou pediu propina.

Foi desviada a verba para comprar medicamentos usados no tratamento de pessoas com câncer, a verba desviada foi usada como propina para comprar deputados e senadores, assim eles se fizeram de cegos diante das irreais verdades do Ausente.

No Brasil do Leste, todas as cidades tinham seus próprios senadores, deputados e ministérios, juízes perderam suas funções

reais e eram meramente decorativos, os advogados do Partido Amarelo tinham mais poder que juízes e promotores, a lei, ordem e Justiça eram a verdade jurídica do Partido Amarelo.

Urbem Angeli era uma pequena cidade litorânea no Brasil do Leste (segundo as coordenadas do Partido Amarelo), sobreviveu ao fim do ciclo da cana de açúcar, mas durante o século XX a melancolia tomou conta de suas ruas morenas, havia sempre nuvens cinza pairando sobre sua acidez colonial. Foi aí que o Ausente chegou ao poder, soube aproveitar da carência afetiva do povo e ética de papel dos cidadãos, em pouco tempo já era soberano da cidade.

O Ausente olhava a Urbem Angeli como uma ponte que um dia atravessaria para ser o imperador de todo Brasil do Leste. Ao se olhar no espelho, se sentia imperador de todas as coisas viventes ou não, era viciado em espelhos, um dia seria o espelho do mundo, nos seus sonhos imperialistas o mundo seria ele: a essência abominável de um mundo sem contradições.

Sua loucura cativou muitas pessoas que, assim como ele e com ele, começaram a ter visões de uma cidade maravilhosa, como Domingos, delirante, via correr pelas ruas da cidade não o bonde puxado por burrinhos e invisíveis negros condutores, mas um metrô amarelo deslizando sobre as ruínas de quem não acreditava na suprema capacidade do Ausente.

ST. Dos Santos era um bom coração, nunca havia pensado em ser deputado, no começo também acreditava ser o Ausente o melhor para sua cidade. ST. Dos Santos, homem de boa-fé, em seu coração morava a crença inabalável nos seres humanos, o Ausente entendeu o quanto poderia usar a inocência útil de ST. Dos Santos, fazer dele poderoso aliado no convencimento dos eleitores da Urbem Angeli. O Ausente convenceu ST. Dos Santos a ser candidato, seria ele uma voz sem contestação no palanque. A democracia foi o caminho usado pelo Partido Amarelo e pelo

Ausente para a construção do único mundo possível, o mundo deles e para eles, o mundo de ideia única como vontade suprema.

Ser bom coração e ter boa fé foram o começo da desgraça de ST. Dos Santos. Ter bom coração e boa fé no Brasil do Leste era sinônimo de imbecilidade política, na Urbem Angeli sobrevivia quem era canalha por vocação ou por dupla e moribunda ética, o Ausente sabia ser perversamente ideológico, sabia que toda ideologia era um cabresto que facilitava o controle nos corações e mentes do povo e cidadãos.

ST. Dos Santos foi um garoto humilde, criado pelo pai, venceu a batalha contra a invisibilidade que se quer destino de todos os pobres, formou-se em Direito, tinha as melhores intenções para a gente da sua cidade, se não tivesse sido cativado pelo Ausente que fez de todas as pontes ainda por cruzar por ST. Dos Santos ruínas e nelas enterrado lentamente suas mais sinceras e comoventes utopias.

O cheiro de éter e discurso político-religioso do Ausente encantaram ST. Dos Santos, o absurdo passou a ser guia das suas emoções, esse foi seu primeiro erro. O Ausente se colocava como a síntese do bem e o Partido Amarelo o bem materializado em política partidária, ser parte do Partido era ser parte do bem, quem não fosse do Partido ficava constrangido em não ser. Fora do Partido Amarelo não havia salvação.

Uma vez bom coração, sempre bom coração, ST. Dos Santos acreditava ser o Ausente só um rapaz sem experiência e que merecia uma chance, afinal era um líder em construção, pensar isso foi seu segundo erro.

O Ausente não era um líder em construção, era um facínora em construção. Durante sua campanha eleitoral, contratou psicólogos e marqueteiros, entendia como o povo da cidade pensava, no fundo aquela gente não se aceitava como tal, era só prometer